

AUGUSTO FERREIRA GOMES

**QUINTO
IMPÉRIO**

PARCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA
Rua Augusta, quarenta e quatro a cinquenta e quatro / Lisboa

QUINTO
IMPÉRIO

AUGUSTO FERREIRA GOMES

QUINTO IMPÉRIO

PARCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA
Rua Augusta, quarenta e quatro a cinqüenta e quatro / Lisboa

Do autor:

RAJADA DOENTIA (apontamentos) — exgotado — 1914

PROCISSIONAL (poemas) — exgotado — 1921

QUINTO IMPÉRIO (poemas) — 1934

EXEMPLAR IMPRESSO ESPECIALMENTE
PARA O FERNANDO PESSOA

- Amigo acima de tudo! E as
seus talentos de Mestre-Criador,
e as suas actas espiritos de
domínio e certeza, - um Homem pro-
prio, o

~~Augusto Ernesto Gomes~~
Setembro 1934

O ARTISTA É A MAIOR
GLÓRIA DE DEUS

A FERNANDO PESSOA,

NASCIDO NO ANO CERTO

PREFÁCIO

A esperança do Quinto Império, tal qual em Portugal a sonhamos e concebemos, não se ajusta, por natureza, ao que a tradição figura como o sentido da interpretação dada por Daniel ao sonho de Nebucadnezar.

Nessa figuração tradicional, é êste o seguimento dos impérios: o Primeiro é o da Babilónia, o Segundo o Medo-Persa, o Terceiro o da Grécia e o quarto o de Roma, ficando o Quinto, como sempre, duvidoso. Nesse esquema, porém, que é de impérios materiais, o último é plausivelmente

entendido como sendo o Império de Inglaterra. Dêsse modo se interpreta naquele país; e creio que, nesse nível, se interpreta bem.

Não é assim no esquema português. Êste, sendo espiritual, em vez de partir, como naquela tradição, do Império material de Babilónia, parte, antes, com a civilização em que vivemos, do império espiritual da Grécia, origem do que espiritualmente somos. E, sendo êsse o Primeiro Império, o Segundo é o de Roma, o Terceiro o da Cristandade, e o Quarto o da Europa — isto é, da Europa laica de depois da Renascença. Aqui o Quinto Império terá que ser outro que o inglês, porque terá que ser de outra ordem. Nós o atribuimos a Portugal, para quem o esperamos.



A chave está dada, clara e obscuramente, na primeira quadra do Terceiro Corpo das Profecias do Bandarra, entendendo-se que Bandarra é um nome colectivo, pelo qual se designa, não só o vidente de Trancoso, mas todos quantos viram, por seu exemplo, à mesma Luz. Êste Terceiro Corpo não é, nem poderia ser, do Bandarra de Trancoso. Dizemos, contudo, que é do Bandarra.

A quadra é assim :

*Em vós que haveis de ser Quinto
Depois de morto o Segundo,
Minhas profecias fundo
Nestas letras que VOS Pinto.*

A palavra VOS, no quarto verso, tem a variante AQUI em alguns textos.

Mas, de qualquer dos modos, a interpretação vem a ser igual.

Considerando, pelo lema da Tripeça, que tôdas as profecias teem três realizações diferentes, em três tempos distintos, esta será interpretada em relação a três tempos de Portugal, segundo as «letras» são «pintadas». Se as letras são as da palavra VOS, indicam, como se mandou que se soubesse, *Vis, Otium, Scientia*. E se as letras são as da palavra AQUI, indicam, segundo a mesma ordem, *Arma, Quies, Intellectus*, que logo se vê serem termos sinónimos dos outros.

Temos pois que a Nação Portuguesa percorre, em seu caminho imperial, três tempos — o primeiro caracterizado pela Fôrça (*Vis*) ou as Armas (*Arma*), o segundo pelo ócio (*Otium*)

ou o socego (*Quies*), e o terceiro pela Ciência (*Scientia*) ou a intelligencia (*Intellectus*). E os tempos e os modos estão indicados nos primeiros dois versos da quadra :

*Em vós que haveis de ser Quinto
Depois de morto o Segundo...*

No primeiro tempo — a Fôrça ou Armas — trata-se de el-rei D. Manuel o Primeiro, que é o *quinto* rei da dinastia de Aviz, e succede a D. João o *Segundo*, depois dêste morto. Foi então o auge do nosso período de Fôrça ou Armas, isto é, de poder temporal.

No segundo tempo — Ocio ou Socego — trata-se de el-rei D. João o *Quinto*, que succede a D. Pedro o *Segundo*, depois de êste morto. Foi então o auge do nosso período de esterili-

dade rica, do nosso repouso do poder — o ocio ou socêgo da profecia.

No terceiro tempo — Ciênciã ou Inteligencia — trata-se do *Quinto Império*, que sucederá ao *Segundo*, que é o de Roma, depois de êste morto.

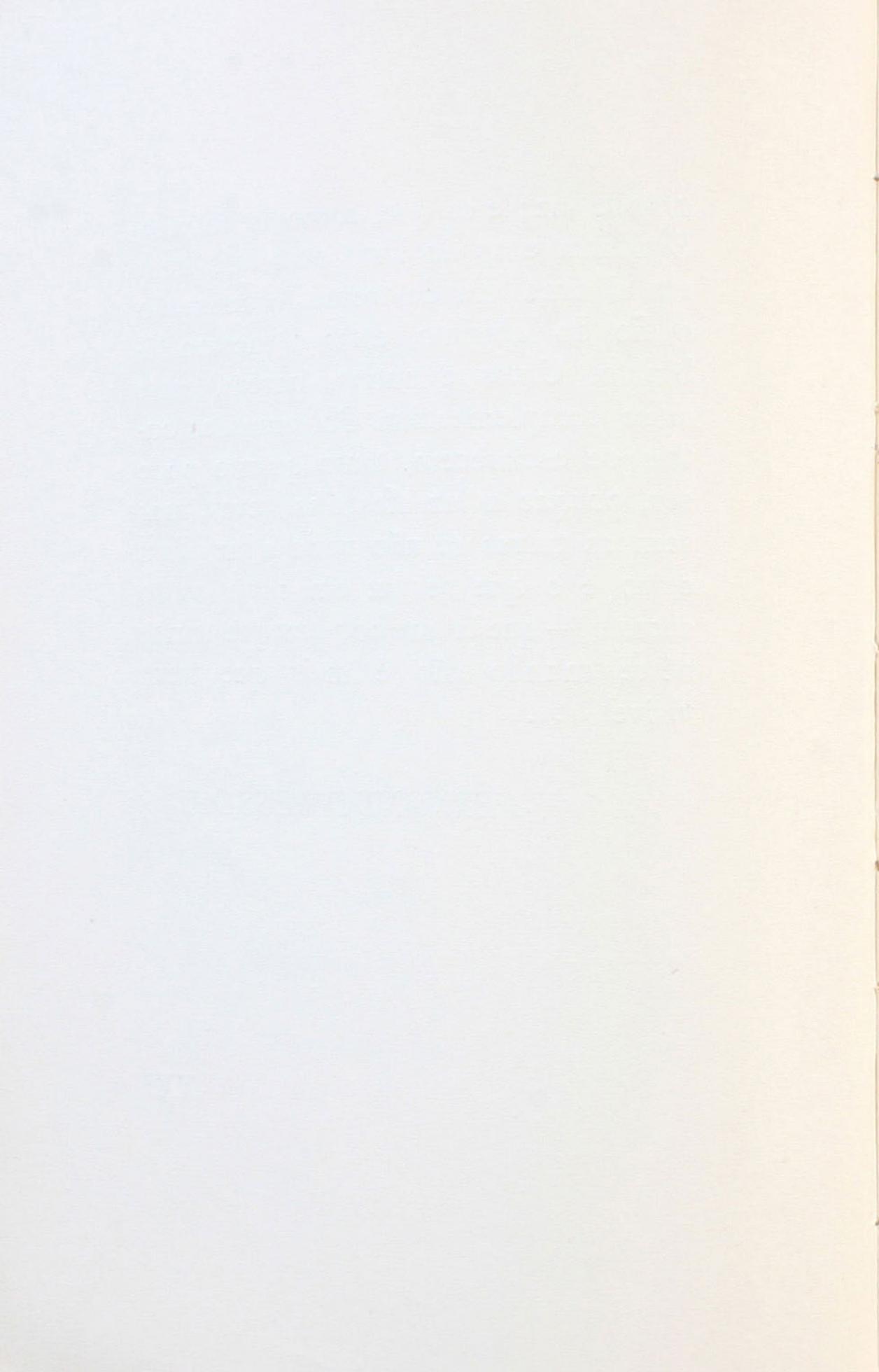
Quanto ao que quere dizer esta Roma, a cujo fim ou morte se seguirá o Império Português, ou Quinto Império, ou o que seja a Ciênciã ou Inteligencia que definirá a êste — não direi se o sei ou o não sei, se o presumo ou o não presumo. Saber seria de mais; presumir seria de menos. Quem puder comprehender que comprehenda.



As profecias são de duas ordens — as que, como a de Daniel e esta do falso Bandarra, teem em si uma

grande luz ; e as que, como as do vero Bandarra e as do livro presente, teem em si uma grande treva. Aquelas são o fio do labirinto, estas o mesmo labirinto. Umas e outras, porém, entre si se complementam. Por umas as outras se esclarecem, tanto quanto pôde ser, porque a luz afasta as trevas, mas sem as trevas se não veria a luz. Tam certo é o que se diz em certo passo secreto — que a melhor luz que temos nêste mundo não é mais que treva visível . . .

FERNANDO PESSOA.



A TODO AQUELE QUE JAZ ADORMECIDO
NA MARGEM TRISTE DA INCERTEZA MORTA ;
AOS QUE DESCONHECEM A PALAVRA — E O SENTIDO —
QUE FAZ ABRIR DETERMINADA PORTA...



*Du plus profond de l'Occident d'Europe,
De pauvres gens un jeune enfant naistra,
Qui par sa langue séduira grande troupe,
Son bruit au règne d'Orient plus croistra.*

NOSTRADAMUS, Centuries, III.35.

O Primeyro motivo, & muy principal, porque Deos costuma revelar as cousas futuras (ou sejaõ beneficios, ou castigos) muyto tempo antes de succedarem, he para que conheçaõ clara, & firmemente os homens, que todas vem dispensadas por sua mão. Arma-se assim a sabedoria eterna contra a natureza humana sempre soberba, rebelde, & ingrata, ou porque se não levante a mayores com os beneficios Divinos, & se beije as mãos a si mesma, como dizia Job, ou porque não attribua a cousas naturaes (& muyto menos ao caso) os effeytos, que vem sentenciados como castigos por sua justiça, ou ordenados para mais altos, & occultos fins por sua Providencia.

ANTONIO VIEIRA, S. J.

Historia do Futuro

XXVII

Mas perguntarme-ha por ventura: algũa emulaçãõ estrangeyra , (que às natu-
raes não respondo) se o Imperio esperado,
como se diz no mesmo titulo, he do mundo,
as esperanças porque não serãõ tambem do
mundo, senão só de Portugal? A razãõ (per-
doe o mesmo mundo) he esta. Porque a
melhor parte dos venturosos futuros, que se
esperãõ, & a mais gloriola delles será não só
propria da nação Portugueza, senão unica,
& singularmente sua. Portugal terá o as-
sumpto, Portugal o centro, Portugal o thea-
tro, Portugal o principio, & fim destas ma-
rãvilhas, & os instrumentos prodigiosos
dellã os Portuguezes.

ANTONIO VIEIRA, S. J.

Historia do Futuro

PEZADÊLO

*Lá das bandas do Oriente
Um dragão vejo vir vindo...
Tambem parece que vejo
Outros bichos vir seguindo.*

BANDARRA.

*Um negro esquadrão,
galope rasgado,
no espasmo da espuma
— desarticulado
e desenfreado —
faz tremer o chão.....*

*Estalidos de açoite
entre armas afiadas...
E de traz da bruma,
ha mais cavalgadas,
imensas, ousadas,
vestidas de noite...*



*Um grito passou,
e riscou
a noite febril...*

*Um livido frio,
como um arripio,
cruzou
o ar acordado
da noite febril...*

*Um vento do norte,
passou,
falando da Morte...*



*Mas na praia trigueira
do Extremo-Occidente,
o Mar não deixou
que o vento do norte
falasse da Morte...*

*E a esperança tornou,
e pairou,
na noite luzente
do Extremo-Occidente.*

INICIAÇÃO

*Sempre que á noite me ponho
A dormir, sem me benzer,
Tudo que ha de succeder
Se me representa em sonho.*

BANDARRA.

I

*Na sombra pezada da noite sem luz,
Em espaços longinquos, parados e frios,
O sonho tem saltos brutaes e esguios,
Na sombra pezada da noite sem luz...*

*Decorrem na alma as lides tamanhas
Do que ha de surgir e do que já passou...
E as formas tombadas que o sonho tomou
Resvalam em sombras de formas estranhas...*

II

*A sombra dos titans envolve a terra...
— Nasce uma nevoa para além dos montes —
Um frio agudo toca o plano e a serra
E passam scismas pelos horizontes...*

III

Serão tres vezes dados os signaes...

Tres vezes a incerteza seguirá...

E tres vezes a esperança voltará,

Sobre tres intervalos sideraes.

Tudo em tres vezes, firmes e fataes,

Se irá passando como escripto está...

E o livro do Destino se abrirá

Por tres vezes distinctas e iguaes...

IV

*Os Deuses fizeram, em volta da taça,
seus gestos secretos. E o vento silvou...*

*Os Deuses fizeram, em volta da taça,
signaes reservados. E a chuva tombou...*

*Os Deuses ficaram, em volta da taça,
hirtos e caládos. E o fogo assomou...*

*Os Deuses fizeram, em volta da taça,
um circulo fechado: E a nevoa pairou...*

QUINTO IMPÉRIO

*Quando tiverem, por certo,
Perdida toda a Esperança,
Portugal terá bonança
Na vinda do ENCOBERTO...*

BANDARRA.

*Ao nocturno passado — fé crescente —
erguendo olhos em sombras abismados,
e fechando-os de novo, marejados
pelo signal da nevoa ainda ausente,
todos sentem que a Alma, em vão dormente,
scisma com horisontes dilatados;
e vivem a verdade de esperados
dominios. E assim, abstractamente,
se constroe um Império ao pé do Mar,
— sentido universal de um só altar —
fundindo-se no ceu imenso e aberto...
Gentes!, esperai que Deus, com sua mão,
desfaça para sempre a cerração
que envolve ha tanto tempo o Encoberto...*

I

*Da noite, a vertigem,
tombou de vagar...
E um vago lamento —
da noite ou do vento —
tornou a passar...*

*No cavo silencio
da noite que passa
só brilham estrelas;
e a olhal-as e a vê-las —
vejo a noite baça...*

*Ah! da noite incerta
um sopro me vem;
um bafo de sombra,
na alma deserta,
me toca d'alem...*

II

*Chegada a canceira,
olhado o abismo,
tocado o Alem —
por mal ou por bem —
só dentro em mim scismo...*

*E a Hora passando
mais leve que o ar —
como inexistente —
afaga a dormente
neblina do mar...*

*Mas eis rompe a lua
como uma verdade...
E a alma parou-me;
e a noite fitou-me
com tranquilidade...*

III

*Chamava-me a Terra
mais forte que o Alem —
mais firme, mais fria...
E desejei que o dia
voltasse tambem...*

*E a luz que eu senti
bem dentro de mim:
caiu na paisagem,
rolou pela aragem —
e perdeu-se por fim...*

*E de novo a treva
me encharcou o olhar...
E a alma ensombrada
já não via nada —
e poz-se a tactear...*

*Mas o tacto maldicto
sentiu-se impotente
para o que sentia...
E a nevoa crescia
na noite dormente!...*

IV

*Barrada a existencia,
perdido o meu rumo —
senti não-sentir,
e julguei-me a partir
no meio do fumo.*

*Um fumo, que eu digo,
não nasce da chama
nem sóbe para o ár:
um fumo a engastar
um sonho a sonhar!...*

*Sómente em vertigem
tombou de vagar
um vago lamento!
E a noite e o vento
me puz a escutar...*

*E o vento dizia
entre o ceo aberto: —
«Não sonhes comtigo,
julga-te comigo —
eu sou o Encoberto!»*



*A noite fitou-me.
A nevoa quedou-se
como que a tremer...
E VI TUDO-A-VÊR —
E a alma gelou-se...*



*O vento tornou:
«Eu sou o Universo —
sentido geral
da alma fatal
do que anda disperso...*

*Mas é bem no fundo
de mim, a sonhar,
que a noite percorre
o signo que morre
p'ra ressuscitar...*

*E a noite gelou-te
só para mostrar
a Hora das Chaves! —
Partidas as Traves
tudo ha de tombar...*

*E quando tombar,
serei — não aqui —
O Espectro da Ansia,
a Voz da Distancia —
a Luz que vivi.»*

V

*A noite, também,
parecia escutar
o silvo do vento,
tornado lamento
na luz do luar...*

*A noite parecia
que ia falar
— como a responder —
no embranquecer
da luz do luar...*

*Mas ficou parada
indiferente a tudo...
Pelo céu azul,
caminho do Sul,
um silêncio mudo...*

Mas o vento silvou:
— Não pensem dormir
que o sonho que vive
só na essencia tive
para se sentir...

Sentido igual
da sombra em redor
— tocando o luar —
tentando acordar
na alma o temor...

Eu sou o Universo
mas não tenho pressa,
pois hei de chegar...
Não serve apressar:
— A Força não cessa,

*nem morre, hão de vêr,
o estranho Sentido
da HORA DAS CHAVES
e Partidas Traves
do Futuro e Ido...*

*Só ha um Sentido
da Força Espectral,
saiado de Deus,
envolvendo os ceus
— e é Universal...*

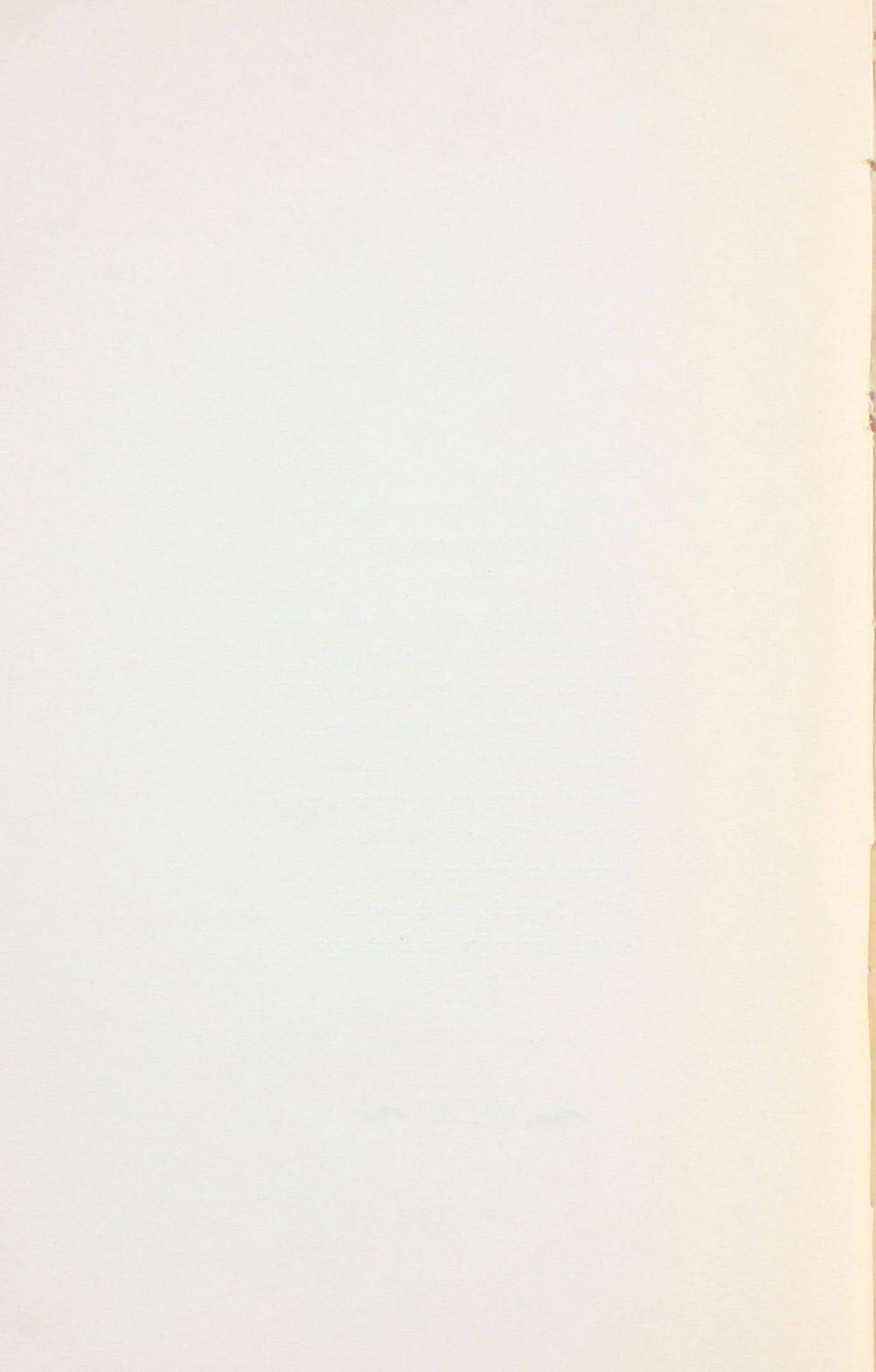
*E quando tombar
o sentido siderio
— o Signal está dado,
O Morto Acordado —
Será o Império...*

QUANDO DADO O SINAL...



*Quando, dado o Signal, o Império fôr
e quando o Ocidente ressurgir,
no momento marcado hão de tinir
pelos ares as trombetas do Senhor.
E haverá, pelos ceus, só paz e amor.
Um só calix de oiro ha de fulgir,
Uma só Cruz na terra ha de existir
Sem inspirar receio nem temor...
Será a hora estranha da verdade
E morta a pompa do pagão sentido
Surgirá, então, a outra idade.
Acabará este viver incerto.
Será o Império, unico e unido,
Quando der o signal o Encoberto.*

~ F I M ~



FOI ESTE LIVRO COMPOSTO E IMPRESSO
DURANTE O MES DE AGOSTO DE MIL
NOVECENTOS E TRINTA E QUATRO NA
OFICINA GRÁFICA, LIMITADA, DA RUA
DA OLIVEIRA, (AO CARMO), NUMERO
OITO, DESTA CIDADE DE LISBOA



